

Afazeres domésticos

(Vanilson Fernandes)

Eu sabia que a Vera estava muito estranha. Até pensei que fosse por causa desse filho que ela tinha na barriga. Tava demais pensativa. A cara sempre amarrada agora dava lugar a uma interrogação. Depois de algum tempo, cortando o bife pro almoço e preparando o feijão, ela me pareceu muito decidida. Mas tinha um quê de maldade em tamanha resolução, pressenti das vezes que iluminava seu rosto. Não entendo muito disso, mas que tinha algo de ruim ali naqueles pensamentos, ah, isso tinha. Nem parecia mais aquela menina alegre e satisfeita que era quando chegou. Eu sei que ela comeu o pão que o diabo amassou. Paciência, pra viver, a gente tem que aguentar muita coisa mesmo. Tudo bem que eu não tenho esses sentimentos humanos, mas sei lá, é o que eu acho.

Lembro que quando minha luz iluminou a cara dela pela primeira vez, vi aquele frescor de menina que chega do interior deslumbrada com a cidade. E ela tava muito feliz. O coração leve, não se via mancha alguma em seu peito, nenhum rancor nadinha mesmo. Um coração limpo, radiante, puro, coisa de inocência. A Dona Roberta colocou ela no quartinho lá dos fundos. A Vera ficou muito feliz por ter um lugarzinho só seu. Mas a Dona Roberta disse-lhe o que ela ouviria sempre dali em diante: tens que cuidar dos teus afazeres domésticos. Essa é a tua prioridade nessa casa, os afazeres domésticos. Era o mantra da Dona Roberta para a Vera.

No começo a menina cuidava mesmo, trabalhava sem reclamar. E era a última a dormir e a primeira a levantar. Fazia o café da manhã. Lavava a roupa. Depois começava a preparar o almoço. Não a via descansar, isso é verdade. Tinha que ainda cuidar do lanche da tarde pros meninos e em seguida fazer o jantar. No fim, não podia deixar uma louça suja pra não juntar insetos e baratas na cozinha. Trabalhava igual uma condenada, na verdade acho que ela era mesmo uma condenada. O pior era que a Dona Roberta sempre estava rondando a menina, com aqueles olhos perscrutadores, corrigindo aqui e ali; mas não era só a vigilância, tinham as sevícias: dava-lhe beliscões, tapas, palmadas e croques sempre que algo não estava do seu agrado. A Vera segurava e engolia o choro. A Dona Roberta,

depois de lhe infringir os castigos físicos, repetia: aprende a cuidar dos teus afazeres domésticos.

Ela vivia essa rotina de trabalho e punições, durou anos. Creio que a menina suportou bem, mas a mulher começou a falar mais alto dentro dela. O coro diário embrutece qualquer um. Quando a Vera já estava mais grandinha, aqui e acolá, havia um bocejo de sono pelo madrugar, um torcer de lábios, um olhar de soslaio inconformado, um resmungo pra dentro de si contra aquilo tudo. Depois essas pequenas manifestações de insatisfação recrudesceram. A pressão sempre procura um escape. Foi então que apareceram as primeiras queixas verbais e por fim vieram as reivindicações. Parece que o tempo e a intimidade permitem que as coisas explodam dentro das pessoas. Não tarda a falhar. Eu vi isso antes da de Vera, mas ela foi a que ficou mais tempo sem reclamar, justiça seja feita. Bom, acho que a vida é assim mesmo. Mas sempre que tinha reclamação, Dona Roberta frisava: pare de reclamar, vá cuidar de seus afazeres domésticos. Creio que essa frase incomodava Vera mais que tudo. Era como cuspir-lhe na cara. Eu percebi que ela mudava de feição quando ouvia esses termos: afazeres domésticos.

Também pudera, eu acho que a Dona Roberta falava isso para marcar posição, colocar Vera no seu devido lugar, no lugar de serviçal, de gente inferior, de pobre-diabo que não tem onde cair morto. De gente que todos os sentidos são para o trabalho e para servir bovinamente aos outros. Era muito cortante. A pronúncia dessas palavras tinha esse tom, essa coisa do mando, de alguém que se acha superior, era perceptível. Posso até estar exagerando, mas era assim que eu sentia aquelas palavras da Dona Roberta pra Vera.

O tempo vai postergando o conflito até que a pústula estoura na pele. A primeira quizila braba de verdade foi por causa do ventilador no quartinho. Eu nunca vi, nem sei como é o lugar. Ouvi uma vez a Vera dizer que era pequeno e quente demais, queria um ventilador, pelo menos. Ser humano se incomoda com o pouco que tem e sempre quer mais. E enquanto o ventilador não veio, a cara enraivecida da Vera não desmanchou. A má vontade no fazer atrasava a vida de todos na casa. Safanões, cascudos e cocorotes já não resolviam a questão. Dona Roberta teve que ceder. Soube que ela arrumou um ventilador de segunda, desses usados, mas arrumou. Um aparelho velho que fazia mais barulho que vento. Dona Roberta

repetiu sua ladainha quando entregou o ventilador pra Vera: agora vai cuidar de teus afazeres domésticos. Queria que Vera soubesse quem realmente mandava, apesar de ter assentido com aquela pequena reivindicação.

O tempo passou e, como eu disse, o ser humano quer sempre mais.. Depois a Vera começou a reclamar do serviço, que era muito para uma só pessoa, que não tinha tempo pra nada, que não parava o dia todo, só trabalhando. Era cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa, cuidar dos meninos, espanar o diabo... Se não arrumasse outra pessoa para ajudá-la, queria pelo menos um dia de descanso, uma folga aos domingos pra se recuperar. A briga foi feia. Dona Roberta disse que nunca contrataria outra pessoa, já tendo uma serviçal em casa. E pra que folga se não teria para onde ir, ou o quê fazer. Vera continuou emburrada e usou o mesmo estratagema quando obteve o velho ventilador, por fim, a Dona Roberta acabou fazendo mais uma concessão: permitiu a saída de Vera aos domingos à tarde, depois que preparasse o almoço, lavasse toda a louça e arrumasse a cozinha. O sorriso de Vera voltou-lhe ao rosto. Mais um tempo de bom armistício e Dona Roberta tornou com seu mantra, sua litania quando concordou com a folga: agora vai cuidar de teus afazeres domésticos.

O ser humano se acostuma com o conforto e o céu é o limite. Veio então a história da comida. Quando a Vera pediu para comer do mesmo que todos na casa, o pau quebrou. Dona Roberta disse que não admitiria isso. Que tinha feito muitas concessões e já bastava. Dava casa, comida, roupa, conforto e nada satisfazia Vera. Meu Deus! Em que mundo estamos, suplicou Dona Roberta e mandou um piparote na menina. A cabeça devia ter criado calo, porque Vera nem sentia mais aqueles croques. Dona Roberta bufava, espumando raiva pelas ventas. Deu um ventilador, usado, mas deu. Deu folga aos domingos à tarde. Tens que comer o que tem e acabou. Do contrário, ficas com fome. Não quero mais saber dessa conversa e vá cuidar de seus afazeres domésticos, repetiu Dona Roberta, querendo encerrar a discussão.

Então podia pelo menos melhorar a comida que eu como, disse Vera. A carne moída é só sebo, o frango só vem asa, perna e pescoço. O arroz é só fragmento e o macarrão é aquele quebradiço, suspirou fundo antes de continuar. O feijão, só me dão o resto . O café é o da pior qualidade, até pata de inseto eu já

encontrei nele. Eu só como pão dormido, bolorento e que ninguém mais nessa casa quer. Eu só fico só com as sobras. Nem o fígado de boi que eu gosto tanto a senhora compra mim. Eu tenho que implorar e só me ficam os restos. Esse dia foi muito tenso, me lembro. Essa, porém, a Vera não conseguiu levar. A comida continuou a mesma. Dona Roberta só prometeu que compraria o fígado uma vez a cada quinze dias e repetiu seu mantra encerrando a discussão: Vá cuidar de seus afazeres domésticos.

Depois dessa época, comecei a perceber umas manchas no coração de Vera. Quando minha luz iluminava-lhe o corpo, conseguia ver cada dia mais essas manchas crescerem. O sorriso não se encontrava mais no rosto daquela menina que agora estava virando mulher, deu lugar a um mau humor permanente. O serviço que vinha capenga, começou, propositadamente, a ser mal feito e os conflitos eram diários. A Dona Roberta davam-lhe safanões, gritava feito louca: não estás cuidado dos teus fazeres domésticos. Pudera, a Vera queimava o feijão, tostava o bife, empapava o arroz, engordurava a cozinha, não varria a casa da mesma forma, manchava as roupas e por aí vai. Parece que tudo era feito de má vontade. Os anos caejam qualquer um e os castigos embrutecem, isso é verdade.

Acho que foi nessa época que Vera arrumou um namoradinho nas folgas do domingo à tarde. Quando chegava, já de noite, a Dona Roberta ralhava demais e a tosquiava, chama-lhe palavrões variados, gritava e dava-lhe enormes berros. Veja se amanhã acordas cedo para cuidar de teus afazeres domésticos. Isso eu ouvia direto. Mas a Vera parecia feliz, mesmo com tudo isso. Acho que era por causa dos encontros que ela tinha nesses domingos. Mas essa felicidade não durou muito. O namoro acabou porque a vi a Vera chorando pelos cantos em um desses domingos de fim de tarde, ela nem sequer demorou na rua.

Só que quando o Seu Carlos soube que a Vera tava de namoradinho, começou a apalpá-la na cozinha. Vi várias vezes ele tentando se esfregar nela. Isso eu vi. Lembro quando ela tava cortando tempero e ele veio só de cueca bolinar ela por trás. A Vera o ameaçou com a faca. Ela nunca contou nada disso pra Dona Roberta. Acho que sabia que ela não ia acreditar e a vida dela podia piorar, virar um inferno pior do que já era.

Acho que quando o namoro de Vera acabou, aí que o Seu Carlos ficou mais insistente. Eu via ele atazanando a pobre, prometendo mundos e fundos. Percebi quando ele tava vislumbrando Vera tomar banho. Passou a apalpá-la toda hora, pegava-lhe na bunda, tocava-lhe os seios, apertava as coxas, essas coisas. Não sei se ela cedeu, acho que sim. Mas eu acho que foi mais para se vingar da Dona Roberta, pelas humilhações. Não tenho certeza, mas acho que esse filho que a Vera tem é dele, do Seu Carlos. Só acho. Eu vi ele passar algumas vezes lá pro quartinho. E ele parou de boliná-la aqui na cozinha. Vire e mexe, ele passava de noite pra lá.

Acho que nem era por causa disso que a Vera tava tão pensativa por esses dias. Quando ela me abriu, vi que seu coração tava uma mancha só, totalmente tomado, turvado inteiramente. Fiquei mais gelada do que sou. Quando ela adicionou aquelas pílulas no feijão, pensei que fosse um novo tempero; ela adorava experimentar iguarias novas pros meninos.

Diferente dos últimos tempos, ela chamou com alegria a família para almoçar. Dona Roberta, Seu Carlos e os dois meninos comeram e quase que imediatamente caíram desacordados. Ela despiu todos eles. Fiquei meio horrorizada com o que via. Jamais pensei que a Vera fosse capaz daquilo. Tudo bem que ela sofreu, mas fazer o que ela fez foi pura maldade.

Acho que ela já tinha planejado tudo; pegou o cutelo e começou a cortar com um sádico prazer cada um deles, foi os esquartejando um por um. Começou com os meninos, depois passou pro Seu Carlos e, por fim, Dona Roberta, a quem decepava as carnes com o maior júbilo. Vera seccionou as cabeças de todos eles. Cortou os membros, os dedos, tudo bem nas juntas. Fazia aquilo indiferente com os meninos e o Seu Carlos, mas com uma grande satisfação quando tratava da Dona Roberta, tanto que chegou a perfurá-la nos olhos. Não, não era um olhar sardônico, era de êxtase puro quando tratou de Dona Roberta. Tirou-lhes as vísceras com muito cuidado. Como ela era doida por fígado, não resistiu e preparou essa iguaria com bastante cebola, misturando o de cada um deles numa fritadeira. Depois, sentou-se como madame da casa e comeu com regalo. Acabado o almoço, colocou o corpo despedaçado de cada um deles em uma refratária. Foi pro quartinho, arrumou suas coisas e voltou com a mala pronta.

Abriu-me totalmente. Nessa hora pude notar que seu coração não tinha mais mancha alguma, estava bem limpinho, alvo como quando chegou ainda menina. A cara risonha dava-lhe ares de uma nova pessoa. Colocou as refratárias com os corpos dos meninos na parte debaixo da prateleira. A cabeça de cada um, ela deixou em destaque sobre as partes cortadas. Pôs o Seu Carlos na prateleira do meio. Deu-lhe um beijo na boca. Por fim, colocou a Dona Roberta na parte de cima. Deu-lhe um tapa na cara e disse: agora, a senhora que cuide de seus afazeres domésticos. Bateu-me a porta com tamanha força que estremeci. Nunca mais se soube ou se ouviu falar de Vera. Os corpos foram encontrados cinco dias depois. Eu os conservei bem. Cumpri meus afazeres domésticos.